

iBook

2.0



AGORA EM SABOR LIMÃO

Temos que confessar: a nossa primeira impressão ao *ver* o novo iBook (na cor Indigo) *não* foi uma boa impressão. A Apple trocou o plástico translúcido que deixava ver o case de *metal* por um plástico branco “total-radiante”, fazendo muita gente torcer o nariz. “Parece um saco de leite”, foi o comentário de Tony de Marco, nosso editor de arte e usuário de iBook de primeira hora (o dele é um laranjinha). Mas basta colocar os dois modelos juntos para ver a real intenção da Apple. Os modelos anteriores ficam parecendo, hum... velhos. O plástico “branco frígobar” foi utilizado também na parte de dentro, e seu alto contraste permite enxergar melhor as teclas em situações de pouca luz. Com o iBook, a Apple atingiu seu objetivo: definir seus computadores pela cor. Em vez de falar “tenho um iBook 300 MHz”, basta dizer que ele é “blueberry” (azul claro) ou “laranja”. Ou “grafite-metal” para o iBook SE de primeira geração e “grafite-branco” para o novo SE.

O tão aguardado update do iBook finalmente chegou. Considerado revolucionário quando lançado há mais de um ano, ele já estava sentindo o peso da evolução da tecnologia. A idéia de um portátil bonito, barato e pau-*pra-toda-obra* continua válida, mas os iBooks azulzinho e laranjinha, estacionados nos 300 MHz, já não estavam dando conta. Afinal, uma máquina para o mercado “consumer” que nem mesmo roda bem os games do momento não está cumprindo seu objetivo. Quando testamos o iBook original na edição 71, registramos vários problemas, dando o desconto por ser a primeira edição de um novo produto. A revisão feita em fevereiro apenas ampliou a memória e o disco dos originais (que vinham com ridículos 32 MB de RAM e 3 GB de disco) e lançou a versão SE, que de novo só trazia a cor cinzinha e uns megahertz a mais. Mas a Apple fez sua lição de casa: os novos iBooks acabam com as principais deficiências da geração anterior e trazem boas novidades.

Até o fechamento desta edição, só haviam aportado nas revendas brasileiras os modelos Indigo (azul-escuro, com CD-ROM) e Graphite (cinza com DVD-ROM). Mas a Apple Brasil prometeu também trazer para cá o iBook Key Lime (verde fluorescente, com DVD ou CD, que até pouco tempo só era vendido pela *applestore* nos EUA) para a alegria dos DJs, Web designers e “modernos” em geral.

A PERCEÇÃO DAS PORTAS

Um dos grandes problemas do iBook sempre foi a falta de portas para transmissão de dados. Além dos indispensáveis conectores de modem e Ethernet, o iBook original tinha apenas *uma* portinha USB. É sempre bom lembrar que o conceito por trás do iBook é fazer o portátil *mais barato possível*, e uma portinha única não é nada que um hub USB não resolva, caso você ache muito penoso ficar plugando e desplugando periféricos. O iBook continua tendo apenas uma porta USB, mas em compensação, ganhou uma FireWire. A primeira aplicação em que se

pensa quando falamos em FireWire é edição de vídeo; então, não é de espantar que a Apple tenha incluído o iMovie 2.0 nos novos iBooks. Mas a coisa não fica por aí. Com gravadores de CD de 12x (veja matéria nesta edição) e drives externos de 20 GB ou mais, o FireWire é uma opção cada vez melhor para backup e transmissão de dados.

O FireWire também traz uma grande novidade ao iBook: a possibilidade de colocá-lo em modo Target. Isso quer dizer que você pode ligar seu iBook em um Mac de mesa como se fosse um disco externo, o que é ideal para manutenção, troca de arquivos ou reinstalação de sistema; é possível até dar *boot* em uma máquina usando a outra como disco de inicialização. (Veja como fazer isso na seção *Simpatips* desta edição.) Em relação à edição de vídeo, o iMovie 2 roda muito bem, convertendo vídeo de câmeras DV de maneira totalmente transparente e intuitiva. A própria interface do iMovie parece que foi bolada exatamente para aproveitar ao máximo o espaço de tela exíguo do iBook. Mesmo com a telinha pequena, dá pra fazer grandes coisas. O iBook consegue até rodar ▶

Agora ele roda
qualquer programa
sem muito sufoco,
ao contrário da
primeira geração

iBook Graphite:
agora sim, com DVD
e entrada e saída

de vídeo.

Finalmente, um

verdadeiro

"iMac DV

para viagem"



o Final Cut, se bem que aí uma tela maior *faz falta* (nem tanto a dimensão da tela, mas com certeza a resolução de 800 x 600 atrapalha bastante).

Entrada e saída de áudio continuam sendo um problema. O único jeito de gravar áudio no iBook seria através da porta USB. Infelizmente, o único produto anunciado até o momento, o iMic, da Griffin Technology, ainda não está à venda. A Griffin falou do iMic pela primeira vez há mais de um ano. Há alguns meses eles colocaram uma foto do produto em seu site, o que é um sinal de que seu lançamento finalmente pode estar próximo.

O falante do iBook continua o mesmo “ralinho” mono de sempre. Parece que a Apple chegou à conclusão de que som de laptop é sempre ruim mesmo e decidiu colocar o pior (e mais barato) possível no iBook. O jeito é apelar para o fone de ouvido. Ou para caixas de som USB. O conjunto SoundSticks da Harman Kardon seria uma ótima, mas infelizmente ele só é vendido nos EUA. Talvez mais do que o FireWire, a grande inovação dos novos iBooks seja a saída de vídeo composto. No mesmo lugar onde antes só havia uma porta de áudio, agora é possível transmitir áudio estéreo e vídeo. Um cabo especial traz na outra ponta três plugs RCA que podem ser plugados em TVs ou videocassetes. Quem precisava de um



Mac portátil para apresentações não precisa mais ter que apelar para um PowerBook, o iBook já dá conta do recado.

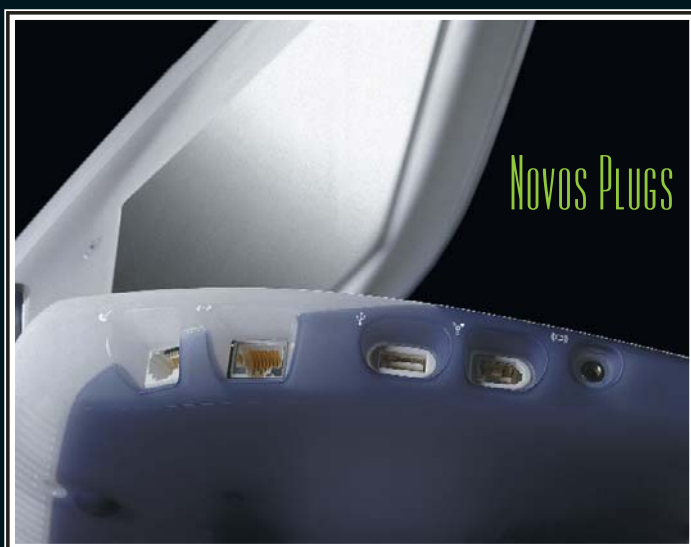
CONSOLE PORTÁTIL

O iBook original era uma máquina suficiente para inúmeras aplicações, mas fazia feio em uma área fundamental: jogos. Com um chip de vídeo 3D (o ATI Rage Mobility) equivalente ao da primeira geração de iMacs, ele não rodava Quake nem Unreal (tá bom: Unreal sim, mas porca-mente), nem a maioria dos jogos baseados em polígonos que são a coqueluche dos dias de hoje. Os novos modelos vêm com o chip ATI Rage Mobility 128 e 8 MB de VRAM (contra os 4 MB

do iBook original), o suficiente para – agora sim – rodar praticamente todos os jogos que estão no mercado.

CINEMA NA BARRIGA

Mas, disparado, o maior atrativo dos novos iBooks é o drive de DVD-ROM embutido nas versões SE. Um iMac DV é bacana, mas nem sempre o lugar onde você trabalha e acessa a Internet é o melhor para assistir filmes. Já com o iBook SE, você pode assistir a seus filminhos sossegadamente na cama, no avião, na sala de espera do proctologista... onde quiser. O drive de DVD consome bastante energia, mas a bateria do iBook dá e sobra para uma longa-metragem. E a Apple conseguiu finalmente resolver os problemas da decodificação de DVD via software. Acabou aquela história de pulos no filme e falta de *sync* entre áudio e vídeo. Além da portabilidade, o iBook traz uma grande vantagem em relação ao iMac DV: pode ser facilmente ligado a qualquer TV. Filmes DVD na tela da TV não ficam nada a dever a qualquer aparelho de DVD doméstico. Ou seja, você pode deduzir a grana que ia gastar com um DVD na hora de comprar seu iBook. O duro vai ser convencer as crianças a parar de ver o filme do Pokémon porque o papai precisa pegar email. ▶



Você pode
conectá-lo à sua
TV, videocassete,
sistema de som
ou onde quiser

Plástico branco é
mais opaco, liso e
leitoso do que o
original. Ou você
não vai gostar ou
vai demorar para
se acostumar



MODELO	iBook 1.0 (AZUL E LARANJA)*	iBook SE 1.0 (GRAFITE)*	iBook 2.0 (INDIGO E VERDE)	iBook SE 2.0 (VERDE E GRAFITE)
CHIP	63/300 MHz	63/366 MHz	63/366 MHz	63/466 MHz
PREÇO EM R\$	3.990	4.600	4.890	5.790
CACHE L2	512 KB a 150 MHz	512 KB a 183 MHz	256 KB a 366 MHz	256 KB a 466 MHz
ACELERAÇÃO GRÁFICA	ATI RADE MOBILITY		ATI RADE MOBILITY 128	
MEMÓRIA DE VÍDEO	4 MB		8 MB	
SAÍDA DE VÍDEO	NÃO		SIM	
HD	6 GB		10 GB	
DRIVE ÓPTICO	CD-ROM 24x		DVD-ROM 6x	
PORTAS	1 USB, MODEM 56K, ETHERNET		1 USB, 1 FIREWIRE, MODEM 56K, ETHERNET	
RAM MÍNIMA/MÁXIMA	64 MB/320 MB			
TELA	LCD DE 12,1 POLEGADAS			
RESOLUÇÃO	800 x 600, MILHÕES DE CORES			

*PREÇOS DE NOVEMBRO/2000. MODELOS QUASE ESGOTADOS NAS REVENDAS APPLE.

O único senão é que, ao contrário dos aparelhos decodificados ou *region free* que você encontra por aí, o drive de DVD do iBook só permite que você assista a DVDs de uma região (que pode ser alterada apenas cinco vezes). Ele também traz o sistema Macrovision, que impede que filmes DVD sejam copiados em fitas VHS em alguns modelos de videocassete. Por isso, não é recomendável plugar o iBook no videocassete, mas sim direto na TV. Você pode obter mais informações a respeito no site PowerBook DVD Source. www.dfbills.com/powerbook

QUAL É O MELHOR?

A grande pergunta de quem vai comprar um portátil hoje é: *iBook ou PowerBook?* A resposta não é tão simples quanto “o PowerBook é para usuários profissionais e o iBook para os domésticos”. Primeiro, a questão do desempenho. O iBook SE, com seus 466 MHz, tem uma velocidade próxima à de um PowerBook G3 de 400 MHz. Isso ocorre porque o cache L2 do iBook é de apenas 256 KB (rodando na mesma velocidade da CPU), contra 1 MB (rodando a metade da velocidade do chip, ou seja, 200 MHz) do

PowerBook. É interessante notar que o cache L2 dos novos iBooks é menor que o dos modelos anteriores (512 KB). Mas, como ele roda com o dobro da velocidade, essa redução foi compensada e ele está embutido no chip.

A segunda questão é a expansibilidade. O PowerBook tem espaço para 512 MB de memória RAM, contra apenas 320 MB do iBook. No modelo profissional, você também pode ligar um segundo monitor, utilizar cartões PCMCIA (PC Cards), trocar os drives de DVD por CD, disquete ou Zip ao seu gosto e fazer upgrades de chip. No iBook você não pode fazer nada disso: apenas aumentar RAM e disco e colocar a plaquinha AirPort.

Por último, temos o tamanho de tela, de 14 polegadas e resolução de 1024 x 768, que em algumas aplicações (vídeo digital profíca, por exemplo) pode ser um fator decisivo.

A seu favor, o iBook tem o preço menor, um design mais arrojado e um jeitão mais resistente que o modelo Pro. Uma prova de sua resistência é que ele é o único produto para o qual a Apple Brasil oferece o serviço de garantia a domicílio. Se o seu iBook quebrar, a Apple manda um por-

tador retirá-lo na sua casa. E não podemos esquecer do tempo de autonomia, bem maior no iBook (mesmo você preenchendo as duas baias do PowerBook com baterias, não chega às quase seis horas do iBook). O iBook SE chega ao requinte de ter uma opção que faz a velocidade do chip cair de 466 para 366 MHz apenas para economizar energia. Em relação aos modelos de mesa, os novos iBooks estão bem mais atraentes que os da primeira geração. Hoje eles estão em pé de igualdade com os iMacs DV, ficando apenas alguns megahertz atrás.

Sempre é bom lembrar que é muito possível que a Apple lance algum novo modelo portátil na Macworld de San Francisco. Pode ser um PowerBook G4, custando um braço e uma perna. Ou um mini-Cubo de bolso, custando só uma perna. Ninguém sabe, e mesmo se soubesse não iria dizer, pra não ser processado pelos advogados da Apple. Mas o fato é que, hoje, o iBook é uma boa pedida. O preço é competitivo, o design ainda está a anos-luz de qualquer concorrente e o conjunto de features (FireWire, AirPort, DVD) é matador. Você só precisa escolher a cor do seu. **M**

O iBook SE reduz a velocidade do chip para prolongar a vida da bateria

NV-DV100BR



Duas câmeras um destino

POR MÁRCIO NIGRO



DCR-PC5

A VISÃO DO PARAÍSO

Não queremos ser esnobes com os pecevistas, mas passe uma semana brincando com uma câmera DV e um Mac com porta FireWire e me diga se é possível dizer que há coisa melhor do que as máquinas da Apple. E com o iMovie na mão, não tem jeito: você acha que é o Orson Welles da nova geração. "I'm the king of the world", como diria nosso amigo Leonardo DiCaprio. Tenha ou não você um talento natural para o cinema, o fato é que o vídeo digital já não é mais o "Sonho Maluco do Gugu", pelo menos para quem tem uma grani-nha sobrando no banco. Assim como as câmeras fotográficas digitais estão virando carne-de-vaca, as câmeras de vídeo que usam o padrão DV (Digital Video) vêm logo atrás, no mesmo caminho. Procurando bem, você pode encontrar modelos por pouco menos de R\$ 2 mil, o que não é muito se compararmos com uma HandyCam analógica. É claro que modelos mais sofisticados podem chegar a preços estratosféricos, mas não vamos estragar a magia do momento... não *ainda*.

FIREWIRE = i.LINK

Ter uma câmera digital é muito bom, e se ela tiver como companhia um Mac com porta FireWire, melhor. Muito melhor. Isso porque todo equipamento DV que se preze tem um conector i.Link – que é apenas o nome inventado pela Sony para o FireWire (tecnicamente, ele se chama IEEE 1394). A porta FireWire das câmeras tem quatro pinos e é bem menor que a porta de seis pinos dos Macs. Conecte a câmera diretamente à porta FireWire de sua máquina, rode o iMovie e – maravilha – bem-vindo ao mundo da edição digital de vídeo! Estranhamente, os fabricantes de câmeras DV usam o padrão que foi originalmente desenvolvido pela Apple, mas ignoram com-

pletamente o Mac, não fornecendo o cabo i.Link/FireWire, nem qualquer software específico para o nosso sistema operacional. Felizmente, a Apple é amiga da garotada e passou a fornecer o cabo apropriado junto com os Macs mais recentes. Se você não tiver, pode comprá-lo na revenda Apple mais próxima, por cerca de R\$ 50.

FESTA DAS MINICÂMERAS

Mas estamos aqui para falar de câmeras DV e, para isso, testamos dois modelos que podem fazer sua felicidade: uma da Sony e outra da Panasonic. Se tem algo que mostra que os japoneses sabem criar equipamentos eletrônicos compactos, esse algo é a **Sony DCR-PC5**, que impressiona pela quantidade de recursos que oferece em um produto tão diminuto. Só o preço não é pequeno: R\$ 5.700. É o que se paga por uma câmera MiniDV altamente sofisticada, daquelas que fará você ser o centro das atenções em uma festa. E nem é o último modelo.

Nos Estados Unidos, ela já está fora de linha e a Sony só a trouxe para o Brasil a fim de testar o mercado. Já quem está acostumado com uma câmera de vídeo convencional — ou seja, maior — e procura uma solução mais barata (R\$ 2.990), provavelmente vai ficar à vontade com a **Panasonic NV-DV100BR** (por que será que os fabricantes não podem dar um nome fácil de lembrar?). Suas funções básicas, seja no modo de gravação ou no modo VCR (tocando a fita), são bastante intuitivas e fáceis de operar, o que é bom para quem não gosta muito de ler manual. Que, aliás, é bem organizado e em português,

enquanto o da Sony é um pouco mais complexo e em inglês. Comparar as duas câmeras é injusto com a Panasonic, por se tratar de produtos em categorias de preços bem diferentes, mas é inevitável, já que ambas são voltadas aos usuários domésticos. Mesmo não sendo o modelo mais moderno da Sony, a superioridade tecnológica da PC5 é evidente. No entanto, nas funções mais básicas, não há grandes diferenças. As duas câmeras contam, além do visor tradicional, com um monitor LCD de 2,5" colorido, que é capaz de girar até 90° lateralmente e 180° em torno de seu eixo. Se você tiver um ataque de narcisismo e decidir filmar o próprio rosto, poderá virar o visor em sua direção (ou seja, na mesma direção da lente). Ao fazer isso, a câmera da Sony já aciona o modo SELF-REC e inverte a visualização, de

modo que ela aparece corretamente, de cabeça para cima. Na Panasonic, você pode escolher se quer o modo "espelho" ativado para ver a imagem como ela está sendo gravada de fato. Na Sony, esse é o modo padrão.

O grande charme da PC5 é que a maioria das configurações e comandos são feitos diretamente na tela LCD, que é sensível ao toque. Ainda que, no final das contas, o pequeno monitor possa ficar todo engordurado, esse recurso é muito prático.

ZOOM

Em relação ao zoom, a Panasonic saiu levando vantagem, apresentando zoom óptico de até 18x e digital de 300x, enquanto a PC5 chega a 10x e 120x, respectivamente. Além do mais, a qualidade do zoom digital da DV100BR mostrou-se superior à da Sony, que ficou aquém das expectativas, degradando demais a imagem ao

chegar à aproximação máxima. De qualquer modo, não se anime demais achando que, assim, você poderá ver mulheres andando nuas em apartamentos no outro quarteirão. Ainda que o zoom digital da Panasonic seja bastante bom, à medida que se aproxima do zoom máximo a imagem vai ficar inevitavelmente "pixelizada" até perder bastante a definição. Em qualquer uma das duas, a pressão aplicada no controle de zoom determina a velocidade da aproximação ou distanciamento da imagem. Seja delicado e o zoom ficará mais lento; seja mais violento e ele será mais rápido. As duas câmeras contam também com controle remoto e sistema de estabilização eletrônica de imagem, para compensar movimentos não intencionais da mão ou do corpo.

EFEITOS E RECURSOS

Tanto uma como outra câmera oferecem efeitos digitais que podem ser aplicados sobre as imagens que estão sendo gravadas. As duas oferecem estrobo, rastro, sépia e mistura de imagens, mas só a PC5 tem parâmetros de configuração para cada efeito, além de incluir diversas opções de *fader*. Na DV100BR, os efeitos são selecionados a partir do botão JOG, que pode ser facilmente acionado pelo dedo indicador da mão que segura a câmera. Já na Sony, tudo é feito no visor *touchscreen*, onde ainda é possível acionar opções para incluir títulos pré-configurados meio bobos, como "Happy Birthday" e coisas do tipo (mas quem tem iMovie não precisa disso).

O foco manual da Panasonic é um pouco diferente do método tradicional, usado na PC5. Em vez de girar as bordas da lente diretamente com a mão, a Panasonic implementou um controle giratório independente, na face frontal do equipamento, que funciona muito bem, mas pode desagradar os mais tradicionalistas.

As duas também incluem um microfone estéreo. Na DV100BR, ►

Os preços dessas câmeras ainda não são exatamente populares, mas vamos dar tempo ao tempo



MEMORY STICK PARA FOTOS STILL

ELA SE DESBOBRA INTEIRAMENTE
NA HORA DE EXPOR A FITA

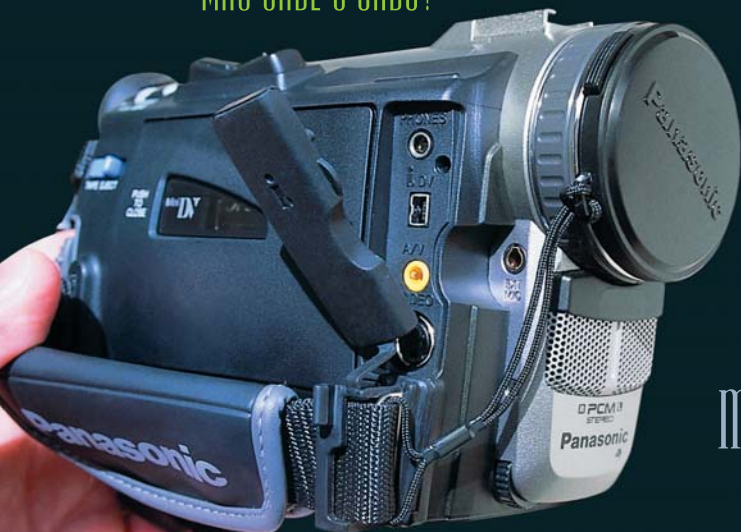


TELA SENSÍVEL AO
TOQUE É SHOW



Sony: pequenina
e cheia de truques

ELA VEM COM CONECTOR FIREWIRE,
MAS CADÊ O CABO?



EM QUASE TODO, ELA LEMBRA UMA CÂMERA
ANALÓGICA UM POUCO ENCOLHIDA



Panasonic: a MiniDV
mais barata do mercado

ele se encontra na parte frontal, garantindo que a captação do som seja a mais direcional possível em relação ao que está sendo gravado. Na PC5, o microfone fica na parte superior e, por isso, pode captar mais som ambiente do que o desejado. De qualquer maneira, a qualidade de ambos os microfones é muito boa.

A PC5 e a DV100BR possibilitam conectar a câmera a uma TV ou videocassete, através dos conectores RCA ou S-Video. Ainda oferecem a função Audio Dub, para adicionar uma trilha de áudio estéreo adicional – utilizando a entrada de microfone – sem destruir o som original, desde que este tenha sido gravado no modo de 12 bits (em 16 bits, o áudio original será apagado). A desvantagem de optar por áudio de 12 bits é que a qualidade sonora cai um pouco. Se você pretende utilizar o iMovie para editar seus filmes, é melhor gravar em 16 bits e acrescentar outros sons diretamente no programa.

As duas câmeras também podem funcionar para tirar fotos digitais. A PC5 vem com um cartão de memória (Memory Stick) de 4 MB, capaz de armazenar 60 fotos (compressão maior) ou 40 (compressão menor). Existem cartões de até 64 MB, que comportam até 988 imagens. A Panasonic utiliza a própria fita MiniDV para armazenar até 1000 fotos com resolução de 680 x 480 pixels (a mesma da câmera da Sony). Porém, os softwares fornecidos com as duas câmeras para transferir as fotos para o computador só rodam em Windows (é incluído um cabo para se conectar à porta serial de um PC). Assim, fica impossível passar as imagens da câmera diretamente para o Mac, o que é frustrante. Proteste, proteste!

PONTOS PARA A SONY

Até aqui, não descrevemos grandes diferenças entre as câmeras, mas existem alguns recursos que só a PC5 oferece:

- **NightShot** – Sistema de iluminação infravermelha que permite gravar em ambientes completamente escuros. É divertido: tudo fica esverdeado, os olhos das pessoas ficam esquisitos, parece até que você está filmando “A Bruxa de Blair 2”. A Panasonic dispõe desse recurso, mas não no modelo que testamos.

- **Widescreen** – A PC5 tem a opção de filmar no formato anamórfico, também conhecido como 16:9 ou simplesmente *widescreen*. Com isso, sua imagem fica com cara de cinema, pelo menos no que diz respeito ao formato de exibição.

- **Conversão A/D** – A câmera pode funcionar como conversor análogo/digital de vídeo e áudio. Assim, você conecta uma TV, videocassete ou outra coisa nela, e pode gravar imagens diretamente no iMovie.

- **Edição** – A PC5 tem alguns recursos para editar suas filmagens sem a necessidade de qualquer software, podendo deletar trechos ou copiá-los para outra parte do filme. Mas, repetindo, quem tem iMovie não precisa se preocupar com isso.

IMAGEM É TUDO

A esta altura você deve estar achando que esquecemos de dizer uma coisa: “E a imagem? Qual oferece a melhor imagem? Afinal de contas, não é isso que mais importa?”

Realmente, a qualidade é tudo. Apesar de a câmera da Panasonic ter qualidade de imagem muito boa, não há como negar a superioridade da PC5, com um balançamento melhor de luminosidade e cores em qualquer tipo de ambiente. E ela ainda tem a fabulosamente nítida lente zoom Carl Zeiss. Mas, como dissemos no começo, não é muito justo comparar as duas câmeras, já que não



são produtos equivalentes.

O modelo da Sony mais próximo do produto da Panasonic é a DCR-TRV120, que infelizmente não estava disponível para o teste. Em vez de usar fitas MiniDV, ela utiliza Hi8 (8 mm), as mesmas de muitas câmeras analógicas. É uma das poucas câmeras DV fabricadas no Brasil e por isso tem um preço bem acessível (R\$ 2.300), oferecendo monitor LCD de 2,5", NightShot, sistema de estabilização de imagem, zoom óptico de 25x (digital de 450x), efeitos digitais e modo *widescreen*.

De qualquer modo, a DV100BR não faz feio e pode ser um ótima opção. A decisão sobre qual comprar depende basicamente de quanto você está disposto a gastar. Dinheiro, dinheiro... sempre monopolizando as nossas decisões. **M**

Márcio Nigro

Acha que, se a vida fosse no formato DV, poderíamos editá-la como quiséssemos e ainda adicionar trilha sonora.



TAMANHO DE BOLSO

DV para

—
POR JOÃO VELHO
—



DSR-500WS



DSR-300A



DSR-PD150

profissionais

Definir o que é "Pro" para câmeras DV é complicado, porque os fabricantes tradicionalmente consideram o DV como um formato "consumer" ou "prosumer" e ficam "regulando" os recursos mais avançados nesses equipamentos para criar nichos diferenciados. Mas o mercado estabeleceu outras regras para o jogo e assimilou o DV como uma opção para *broadcast* (transmissão por TV), principalmente no caso de material jornalístico. Isso obrigou os próprios fabricantes a se adaptarem à soberania do usuário, com lançamentos mais generosos a preços competitivos. De qualquer modo, se o assunto é câmera de vídeo profissional, estamos falando de câmeras com pelo menos três chips CCD

(*charged coupled devices*), que, simplificando ao máximo, são os sensores responsáveis pela captação da imagem. As câmeras de três CCDs são melhores que as "single CCD", porque reservam um chip para cada cor primária (R, G e B). Os CCDs também podem variar de tamanho; em princípio, quanto maior a área, melhor a qualidade de imagem. Os de 1/3 e 1/2 polegada são os mais usados na faixa média, enquanto os de 2/3 de polegada ficam com as câmeras mais caras, de formatos superiores ao DV. Muitos outros aspectos precisam ser observados para avaliar se uma

câmera é mais ou menos "profissional": a lente; a presença de controles manuais de zoom, foco, nível de gravação de áudio e diafragma ajustável; quantidade de linhas de resolução horizontal; densidade de pixels do CCD; conexões de áudio; etc. Mas o preço acaba sendo um bom termômetro. As boas câmeras DV não saem por menos de US\$ 2 mil, e as melhores chegam facilmente aos US\$ 4 mil. O "fusquinha" dos primeiros anos de DV foi a **Sony DCR-VX1000**, hoje descontinuada, mas ainda com algum estoque nas lojas. Ten-

do sido a primeira câmera DV com três CCDs e preço acessível que apareceu e agradou, já em fins de 96, a VX1000 invadiu a praia das produções para TV e depois até mesmo para cinema. Compacta e boa de briga, servindo bem aos mais pragmáticos. No contraponto com a VX1000, representando um investimento mais pesado, surgiu a **Canon XL-1**, a câmera dos românticos, com design arrojado e ergonômico, imagem melhor, lentes intercambiáveis e mil e um acessórios, projetando uma aura mais artística e cinematográfica. Então, o mundo se dividiu entre os fãs da Soninha (VX1000) e os da Gisele (XL-1). Logo, os fabricantes foram lançando outros modelos para cobrir os vários nichos do mercado com suas respectivas marcas e

tecnologias. A Canon lançou a compacta (e mais barata) **GL-1**, com lente fixa de fluoreto, que proporciona mais definição, mais contraste e melhor reprodução de cor. Na outra trincheira, a Sony veio com modelos no sistema DVCAM, uma variação mais robusta do DV, com preços de US\$ 4 mil para baixo. Até então, a Sony só oferecia DVCAM em modelos bem mais caros.

Hoje, as câmeras Sony que estão em alta são a **DSR-PD150** e a **DSR-VX2000**. Elas vieram substituir a PD100 e a VX1000, respectivamente, e guardam o perfil de suas irmãs mais velhas. Elas são virtualmente idênticas entre si, com os mesmos três CCDs de 1/3 de polegada, lentes e recursos como a gravação em formato 16:9 *widescreen*, e a captura de imagens *still* (fotos) em cartões Memory Stick. A PD150 ganha da VX2000 principalmente por possuir adaptador para conexão de áudio XLR, *preset* de *timecode* e poder gravar em DV e DVCAM. Correndo por fora, a JVC resolveu chutar o pau da barraca com a **GY-DV500**, uma câmera DV com um conjunto de características profissionais superiores, como o design típico das camcorders *broadcast*, com CCDs de 1/2", conexão de áudio balanceado XLR, *viewfinder* de alta resolução em P/B, lentes intercambiáveis e muitos outros recursos geralmente encontrados em câmeras de faixa de preço superior.

Um pouco mais longe do alcance dos simples mortais, com preços de US\$ 6.500 em diante, os objetos do desejo são os modelos DVCAM Sony **DSR-250**, **DSR-300A** e **DSR-500WS**, esta última com três CCDs de 2/3", e diversos modelos de outros fabricantes. Mas aí já é outra história; não se pode esquecer que os modelos menos robustos muitas vezes são preferidos exatamente por serem menores, mais discretos e práticos. No final das contas, a escolha do câmera ideal passa a depender mais do tipo de trabalho que se quer fazer do que pelo preço ou recursos de cada modelo. **M**

As câmeras DV
profissionais
trazem três chips
CCD, um para cada
cor primária
